



Julia Quinn

OS MISTÉRIOS DE SIR RICHARD

QUARTETO SMYTHE-SMITH 4





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Tillie, minha irmã do coração.

E também para Paul,
apesar de ainda achar que ele daria um excelente Jedi.

CAPÍTULO 1

*Casa Pleinsworth
Londres
Primavera de 1825*

De acordo com aquele livro que sua irmã já lera mais de vinte vezes, é uma verdade universalmente aceita que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, necessita de uma esposa.

Sir Richard Kenworthy não tinha uma grande fortuna, mas era solteiro. Quanto à esposa...

Bem, *isso* era complicado.

“Necessitar” não era a palavra correta. Quem *necessitava* de uma esposa? Homens apaixonados, talvez, porém não se tratava do seu caso. Além disso, nunca ficara enamorado nem pretendia ficar em nenhum momento próximo.

Não que ele fosse fundamentalmente contrário à ideia. Apenas não tinha tempo para isso.

A esposa, por outro lado...

Ele se acomodou melhor na cadeira, baixando os olhos para o programa que tinha em mãos:

*O senhor está cordialmente convidado
para o 19º Recital Anual das Smythe-Smiths,
com a apresentação de um competente quarteto
de dois violinos, violoncelo e piano.*

Ele teve um mau pressentimento.

– Muito obrigado, *mais uma vez*, por me acompanhar – disse Winston Bevelstoke.

Richard lançou um olhar cético para o amigo.

– Estou achando inquietante você me agradecer tanto.

– Sou conhecido por meus modos impecáveis – respondeu Winston, dando de ombros.

Winston sempre tivera esse hábito. A maior parte das lembranças que Richard guardava do amigo envolvia algum tipo de movimento com os ombros, como se dissesse “o que posso fazer?”.

“Na realidade, não importa se eu me esqueço de fazer meu teste de latim. Sou o segundo filho, não cobram tanto de mim.” *Um dar de ombros.*

“O bote já estava virado quando cheguei à beira do rio.” *Um dar de ombros.*

“Como em quase tudo na vida, a melhor solução é culpar minha irmã.” *Um dar de ombros (além de um sorriso maligno).*

No passado, Richard já havia sido tão despreocupado quanto Winston. Adoraria voltar a ser assim.

Mas não tinha tempo para isso. Só tinha duas semanas. Três, supôs. Quatro seriam o limite máximo.

– Você conhece alguma delas? – indagou ele a Winston.

– Alguma delas?

Richard ergueu o programa.

– As musicistas.

Winston pigarreou, desviando o olhar com certa culpa.

– Não tenho certeza se posso chamá-las assim...

Richard olhou para a área do salão dos Pleinsworths onde se daria a apresentação.

– Você as conhece? – insistiu. – Já lhe foram apresentadas?

Tudo bem, Winston podia fazer seus comentários enigmáticos, mas Richard tinha seus motivos para estar ali.

– As garotas Smythe-Smiths? – Winston deu de ombros. – A maioria. Deixe-me ver, quem vai tocar este ano? – Ele consultou o programa. – Lady Sarah Prentice ao piano... Que estranho, ela é casada.

Maldição.

– Em geral, são apenas as solteiras que tocam no quarteto – explicou Winston. – Quando se casam, não participam mais.

Richard sabia muito bem disso. Inclusive, essa fora a principal razão para ter aceitado aquele convite. Na verdade, isso era até um tanto óbvio. Quando um cavalheiro de 27 anos, ainda solteiro, reaparecia em Londres após três anos fora... não era preciso ser uma casamenteira para saber as intenções dele.

Só não esperava ser obrigado a agir com tanta pressa.

Franzindo a testa, Richard olhou para o piano. Parecia de boa qualidade. Caro. Definitivamente, melhor do que o seu em Maycliffe Park.

– Quem mais? – murmurou Winston, lendo os nomes impressos com letras elegantes no programa. – Srta. Daisy Smythe-Smith ao violino. Ah, sim, eu já a conheci. É terrível.

Dupla maldição.

– O que há de errado com ela? – indagou Richard.

– Não tem senso de humor. Isso até poderia não ser tão ruim... nem todo mundo vive rindo... Mas ela é tão... óbvia nesse aspecto.

– Como alguém pode ser óbvio em relação à *falta* de humor?

– Não faça a menor ideia – admitiu Winston. – Mas ela é. Só que é muito bonita. Tem cabelos louros, cheios de cachos saltitantes.

Ele gesticulou com as mãos junto às orelhas, representando o movimento de mola dos cachos louros. Richard não sabia explicar por quê, mas a pantomima conseguia frisar que eram cabelos louros, não castanhos.

– Lady Harriet Pleinsworth, também ao violino – prosseguiu Winston. – Acho que não a conheço. Deve ser a irmã mais nova de lady Sarah. Creio que seja recém-saída da sala de estudos, na verdade. Não deve ter mais que 16 anos.

Tripla maldição. Talvez fosse melhor Richard ir embora.

– E, ao violoncelo... – Winston deslizou o dedo pelo papel grosso do programa até encontrar o nome que procurava. – A Srta. Iris Smythe-Smith.

– O que ela tem de errado? – indagou Richard, pois provavelmente haveria algo errado com ela também.

Winston deu de ombros.

– Nada. Pelo menos não que eu saiba.

Isso significava que ela devia cantar como uma tirolesa no seu tempo livre. Quando não estava praticando taxidermia.

Em crocodilos.

Richard costumava ser um sujeito de sorte. *Costumava*.

– Ela é muito pálida – acrescentou Winston.

Richard encarou o amigo.

– Isso é um defeito?

– É claro que não. É que... – Winston fez uma pausa, franzindo profundamente a testa, concentrado. – Bem, para falar a verdade, é só disso que eu me lembro dela.

Richard assentiu devagar, pousando o olhar no violoncelo que estava apoiado em um suporte. Parecia um exemplar caro – embora ele não soubesse nada sobre manufatura de instrumentos.

– Por que tanta curiosidade? – perguntou Winston. – Sei que está em busca de um casamento, mas, sinceramente, você pode conseguir coisa melhor do que uma Smythe-Smith.

Isso teria sido verdade duas semanas antes.

– Além do mais, você precisa de alguém que tenha um dote, não é mesmo?

– Todos nós precisamos de alguém que tenha um dote – retrucou Richard, num tom sombrio.

– Verdade, verdade.

Winston era filho do conde de Rudland, mas apenas o *segundo* filho. Não herdaria nenhuma fortuna espetacular. Não com um irmão mais velho saudável, que, por sua vez, tinha dois filhos.

– A mocinha Pleinsworth deve ter umas 10 mil libras – disse Winston, fitando de novo o programa. – Mas, como eu falei, ela é muito nova.

Richard fez uma careta. Até ele tinha limites.

– As flores...

– As flores? – interrompeu-o Richard.

– Sim, as moças com nomes de flor. Iris e Daisy: íris e margarida. E as irmãs delas, Rose e Marigold: rosa e calêndula. E... não lembro quem mais. Tulip? Jasmine? Espero que a pobrezinha não se chame Chrysanthemum.

– O nome da minha irmã é Fleur, que é “flor” em francês... – Richard sentiu-se compelido a mencionar.

– E é uma moça encantadora – comentou Winston, embora nunca a tivesse conhecido.

– Mas você estava dizendo... – Richard induziu o amigo a continuar.

– O quê? Ah, sim, lembrei. As flores. Não sei o valor de seus dotes, mas não devem ser vultosos. Acho que são cinco filhas ao todo. – Winston torceu os lábios enquanto calculava. – Talvez mais.

Isso não significava necessariamente que os dotes fossem baixos, pensou Richard, com mais esperança do que qualquer outra coisa. Ele não conhecia muito aquele ramo da família Smythe-Smith – para falar a verdade, nenhum ramo dela; só sabia que, uma vez por ano, todos se juntavam, escolhiam quatro musicistas e organizavam um recital ao qual a maioria de seus amigos relutava em comparecer.

– Pegue isto – disse Winston de repente, segurando dois chumaços de algodão. – Você vai me agradecer mais tarde.

Richard encarou o amigo como se ele tivesse enlouquecido.

– Para os seus ouvidos – explicou Winston. – Confie em mim.

– *Confie em mim.* Vindas de você, essas palavras me dão um frio na espinha.

– Neste caso, não estou exagerando.

Richard olhou discretamente ao redor. Winston não estava fazendo o menor esforço para ocultar suas ações; por certo era uma grosseria tapar os ouvidos em um recital. Mas as poucas pessoas que pareciam observá-lo exibiam uma expressão de inveja, não de censura.

Richard deu de ombros e fez o que o amigo sugeriu.

– Que bom que você está aqui – comentou Winston, inclinando-se para que Richard pudesse ouvi-lo apesar do algodão. – Não sei se teria suportado o concerto sem um reforço.

– Reforço?

– A pesarosa companhia de solteiros sitiados – gracejou Winston.

A pesarosa companhia de solteiros sitiados? Richard revirou os olhos.

– Imagine você tentando formar frases embriagado.

– Ah, você terá esse prazer em breve – replicou Winston, mantendo aberto o bolso do casaco com o dedo indicador, mas apenas o suficiente para revelar um pequeno frasco de metal.

Richard arregalou os olhos. Embora não fosse uma pessoa tão correta, até ele sabia que não era apropriado beber abertamente durante uma apresentação musical de adolescentes do sexo feminino.

E, então, começou.

Depois de um minuto, Richard se viu ajustando o algodão nos ouvidos. Ao fim do primeiro movimento, ele podia sentir uma veia pulsando dolorosamente em sua testa. Mas foi quando chegaram a um longo solo de violino que ele se deu conta da verdadeira gravidade da situação.

– O frasco – pediu, quase arquejando.

Winston nem mesmo deu um sorrisinho.

Richard tomou um bom gole do que ele percebeu ser vinho, mas não conseguiu aplacar sua dor.

– Podemos ir embora no intervalo? – sussurrou para Winston.

– Não há intervalo.

Richard olhou para o programa com uma expressão de horror. Ele não era músico, mas, sem dúvida, as Smythe-Smiths deveriam saber que o que estavam fazendo... que o pretense recital...

Era uma verdadeira afronta à dignidade humana.

Segundo o programa, as quatro jovens no palco improvisado interpretavam um concerto para piano de Wolfgang Amadeus Mozart. Mas, pelo que Richard sabia, alguém deveria estar realmente tocando piano. A mulher sentada diante do requintado instrumento tocava apenas metade das notas requeridas, talvez menos. Ele não conseguia enxergar seu rosto, porém, pelo modo como se encurvava sobre as teclas, parecia ser uma musicista de grande concentração.

Embora não de grande habilidade.

– Aquela ali é a que não tem senso de humor – avisou Winston, indicando com a cabeça uma das violinistas.

Ah, a Srta. Daisy, dos cachos louros saltitantes. Dentre as quatro, era claramente a que mais se considerava uma musicista. Ela se inclinava e oscilava como se fosse a mais competente virtuose, seguindo o arco que voava pelas cordas. Seus movimentos eram quase hipnotizantes, e Richard imaginou que um surdo a descreveria como uma garota com música na alma.

Na verdade, estava mais para desafinação.

Quanto à outra violinista... só ele percebia que ela não sabia ler música? Ela olhava para todos os lugares, menos para o suporte da partitura, e não havia movido uma só página desde o início do recital. Passava todo o tempo mordendo os lábios e lançando olhares frenéticos para a Srta. Daisy, tentando imitar seus movimentos.

Assim, sobrava apenas a violoncelista. Richard sentiu os olhos pousarem na moça que movia o arco pelas longas cordas do instrumento. Era extraordinariamente difícil ouvir o som que ele produzia sob o barulho dos dois violinos, mas, de vez em quando, uma baixa nota lúgubre escapava de toda aquela loucura, e Richard não pôde evitar pensar...

Ela é muito boa.

Ficou fascinado pela moça, por aquela pequena mulher que tentava se esconder atrás de um grande violoncelo. Ela, pelo menos, tinha consciência de que o conjunto era horrível. Sua tristeza era intensa, quase palpável. Cada vez que a jovem chegava a uma pausa na parti-

tura, parecia se encurvar, como se pudesse se encolher até desaparecer com um *puff*.

Era a Srta. Iris Smythe-Smith, uma das flores. Era assombroso que fosse parente de Daisy, que estava alegremente alheia a tudo e seguia se contorcendo com o violino.

Iris. Era um nome estranho para uma garota tão pálida. Ele sempre havia pensado na flor de íris como a mais brilhante, com profundos tons de roxo e azul. Entretanto, aquela moça era extremamente pálida, para não dizer quase incolor. Seus cabelos não podiam ser descritos como louros de verdade porque eram um tanto ruivos, mas “louro-avermelhados” tampouco os definia com total precisão. Como estava mais ou menos no meio do salão, Richard não conseguia enxergar os olhos da jovem, porém, levando em conta suas outras características, só podiam ser claros.

Ela era o tipo de garota que não chamava atenção.

Entretanto, Richard não conseguia tirar os olhos dela.

Porém, para onde mais poderia olhar? Estava num recital.

Além disso, havia algo tranquilizador em focar um ponto fixo qualquer. A música era tão desentoada que ele ficava tonto cada vez que olhava para outra direção.

Quase riu. A Srta. Iris Smythe-Smith, a moça com pele brilhante e pálida, com um violoncelo grande demais para seu tamanho, acabara se tornando a sua salvadora.

Sir Richard Kenworthy não acreditava em presságios, mas em relação àquele, ele ficaria atento.



Por que aquele homem a observava tanto?

O recital já era uma tortura, Iris sabia muito bem – era a terceira vez que a empurravam até o palco e a obrigavam a fazer papel de ridículo diante de um seleto grupo da elite londrina. O público das Smythe-Smiths era sempre uma interessante mescla. Em primeiro lugar, havia a família, embora fosse preciso dividi-la em duas partes distintas: as mães e todo o resto.

As mães contemplavam a apresentação com um sorriso beatífico, seguras de que todas as outras mulheres invejavam o raro talento musical de suas filhas.

– Tão habilidosas... – cantarolava a mãe de Iris, ano após ano. – Tão serenas...

“Tão cega...” era a resposta que Iris guardava para si mesma. “Tão surda...”

Já os outros Smythe-Smiths – os homens em geral e a maioria das mulheres que já haviam se sacrificado no altar da incapacidade musical – trincavam os dentes e faziam o possível para preencher todos os assentos, a fim de limitar o ciclo de mortificação.

A família era incrivelmente fecunda e Iris rezava para que um dia tivesse tantos membros a ponto de impedir que as mães convidassem pessoas que não fossem parentes. “Não há lugares suficientes”, ela já podia se ouvir dizendo.

Infelizmente, também imaginava que a mãe pediria que o secretário do pai pesquisasse o aluguel de salas de concertos.

Um bom número de pessoas de fora da família vinha todos os anos. Uns poucos, suspeitava Iris, por bondade. Alguns, sem dúvida, só para zombar das meninas. E havia também os inocentes despreparados, que claramente viviam isolados em cavernas. No fundo do oceano.

Em outro planeta.

Iris não podia *conceber* que nunca tivessem ouvido falar do concerto anual das Smythe-Smiths, ou melhor, que ninguém os houvesse advertido a respeito, mas, todos os anos, havia algumas infelizes caras novas.

Como aquele homem sentado na quinta fileira. Por que ele a estava encarando?

Iris tinha certeza absoluta de que nunca o vira. O cabelo dele era escuro, do tipo que anelava quando a umidade do ar aumentava, e o rosto parecia esculpido, elegante e bastante agradável. Era um homem bonito, embora não lindo.

Provavelmente não tinha título. A mãe dela sempre tivera muito cuidado com a educação social das filhas. Dificilmente existiria um nobre solteiro com menos de 30 anos que Iris e as irmãs não pudessem reconhecer de imediato.

Mas quem sabe seria um baronete. Ou um cavalheiro recém-chegado. Ele devia ser bem-relacionado, já que Iris identificou seu companheiro: o filho mais novo do conde de Rudland. Ela já o havia encontrado em várias ocasiões – mas isso não significava nada além do fato de que o

honorável Sr. Bevelstoke podia convidá-la para dançar caso estivesse inclinado a fazê-lo.

Só que nunca estava.

Iris não ficava ofendida por causa disso, pelo menos não muito. Não costumava ser convidada para dançar nem metade das músicas nos bailes e gostava de ter a oportunidade de observar todos rodopiando. Frequentemente, imaginava se as estrelas da alta sociedade de fato *notavam* o que acontecia a seu redor. Se uma pessoa estava sempre no centro de uma tormenta, perceberia a inclinação da chuva, sentiria o fustigar do vento?

Realmente ela não era muito convidada para dançar. Não havia nenhuma vergonha nisso. Sobretudo porque ela gostava de ficar à parte. Ora, alguns dos...

– *Iris* – sibilou alguém.

Era sua prima Sarah, inclinando-se sobre o piano com uma expressão urgente.

Ah, maldição, ela perdera a hora de entrar.

– Sinto muito – murmurou Iris, apesar de ninguém poder ouvi-la.

Isso nunca acontecera antes. Não importava que o resto das musicistas fosse tão horrível que não faria nenhuma diferença entrar ou não na hora certa – tratava-se de uma questão de princípios.

Alguém precisava tentar interpretar bem.

Iris tocou violoncelo ao longo das páginas seguintes da partitura, fazendo todo o possível para ignorar Daisy, que vagava pelo palco com seu violino. Entretanto, quando chegou à outra pausa longa da sua parte, acabou olhando para a plateia.

Ele ainda a encarava.

Haveria algo em seu vestido? No cabelo? Sem pensar, ergueu a mão para mexer no penteado, meio que esperando encontrar ali um graveto.

Nada.

Iris se enfureceu. Ele estava tentando perturbá-la. Não poderia haver outra explicação. Que camponês grosseiro! Além de idiota. O homem achava que era capaz de irritá-la mais do que a própria irmã? Seria necessário aparecer o Minotauro tocando acordeão para superar Daisy na escala de incômodo e atingir o sétimo círculo do inferno.

– Iris! – sussurrou Sarah.

– Arrrrgh – grunhiu Iris.

Ela havia perdido a entrada de novo. Bom, ora essa, quem era Sarah para se queixar? Ela pulara duas páginas do segundo movimento.

Iris localizou o ponto certo na partitura e recomeçou a tocar, aliviada ao perceber que estavam se aproximando da conclusão do recital. Ela só precisava tocar as notas finais, fazer uma reverência como se realmente estivesse agradecida e tentar sorrir em meio aos constrangidos aplausos.

Então, poderia alegar uma dor de cabeça, voltar para casa, fechar a porta do quarto, ler um livro, ignorar Daisy e fingir que não precisaria fazer tudo de novo no ano seguinte.

A menos, é claro, que se casasse.

Era a única forma de escapar. Todas as mulheres solteiras da família Smythe-Smith eram obrigadas a participar do quarteto quando surgia uma possibilidade de tocar o instrumento eleito. Permaneciam no grupo até caminhar pelo corredor da igreja direto para os braços do noivo.

Só uma prima conseguira se casar antes de ser forçada a subir ao palco. Fora uma incrível convergência de sorte e astúcia. Frederica Smythe-Smith, agora Frederica Plum, aprendera violino, assim como a irmã mais velha, Eleanor.

Mas Eleanor não havia sido “arrebatedora”, segundo a mãe de Iris. A jovem fizera parte do quarteto por sete anos, um verdadeiro recorde, antes de se apaixonar perdidamente por um amável clérigo, que teve o incrível bom senso de amá-la com igual entrega. Iris gostava de Eleanor, mesmo quando ela se definia como uma musicista de talento – o que não era.

Quanto a Frederica... O atrasado êxito de Eleanor no mercado matrimonial significou que a cadeira de violinista já estava ocupada quando a irmã menor debutou. E se Frederica se assegurasse de encontrar um marido com a maior rapidez possível...

Ela era uma lenda. Pelo menos aos olhos de Iris.

Frederica agora vivia no sul da Índia, e Iris suspeitava que, de algum modo, isso estava relacionado com sua fuga do recital. Fazia muitos anos que ninguém da família a via, embora às vezes uma carta chegasse a Londres trazendo notícias sobre o calor, as especiarias e um ocasional elefante.

Iris odiava o calor e não gostava muito de comida picante, mas, quando se sentava no salão de baile de suas primas tentando fingir que não havia cinquenta pessoas observando-a fazer papel de ridículo, não podia deixar de pensar que a Índia era uma ideia bastante agradável.

Ela não tinha nenhuma opinião formada sobre elefantes.

Talvez pudesse encontrar um marido ainda naquele ano. Para falar a verdade, não havia se esforçado tanto em suas duas temporadas sociais. Mas achava difícil ter ânimo quando se era uma garota invisível – um fato que ninguém poderia negar.

Exceto por aquele estranho homem da quinta fileira. Ela fitou a plateia e, imediatamente, baixou o olhar outra vez. *Por que* ele a estava encarando?

Aquilo não fazia nenhum sentido. Iris *odiava* coisas sem sentido, até mais do que a vergonha de ser ridicularizada.

CAPÍTULO 2

Estava claro para Richard que Iris Smythe-Smith planejava fugir do recital assim que pudesse. Não era algo muito evidente, mas ele já a observava havia uma hora, pelo menos era o que parecia, e se considerava capaz de compreender as expressões e os gestos da relutante violoncelista.

Teria que agir com rapidez.

– Apresente-nos – pediu a Winston, fazendo um sinal discreto com a cabeça na direção dela.

– Sério?

Richard assentiu.

Winston deu de ombros, obviamente surpreso pelo interesse do amigo na pálida Srta. Iris Smythe-Smith. Mas, além da pergunta inicial, não demonstrou nenhuma curiosidade. Ele foi atravessando o aglomerado da plateia com seu jeito suave de sempre. Embora a jovem em questão estivesse ao lado da porta com uma postura constrangida, seus olhos aguçados observavam o salão, as pessoas ali presentes e suas interações.

Ela estava calculando o momento certo para escapar, Richard não tinha dúvida.

Entretanto, sua tentativa seria frustrada. Winston parou de repente diante dela, antes que a moça pudesse se mover.

– Srta. Smythe-Smith – disse, bem-humorado e amável. – Que maravilha vê-la de novo.

Ela fez uma reverência desconfiada. Era evidente que não tinha nenhum nível de intimidade com Winston que justificasse uma saudação tão afetuosa.

– Sr. Bevelstoke – murmurou ela.

– Posso lhe apresentar meu bom amigo, sir Richard Kenworthy?

Richard fez uma mesura.

– É um prazer conhecê-la.

– O prazer é todo meu.

Os olhos da moça eram tão claros quanto ele imaginara, embora, apenas à luz de velas agora, não fosse possível discernir a cor exata. Cinza, talvez, ou azul, emoldurados por cílios muito claros, que só não eram invisíveis por serem tão longos.

– Minha irmã envia suas desculpas – comunicou Winston.

– Sim, ela costuma vir, não? – murmurou a Srta. Smythe-Smith, com apenas um esboço de sorriso. – Ela é muito amável.

– Ah, não acredito que isso tenha a ver com amabilidade – replicou ele cordialmente.

A Srta. Smythe-Smith arqueou uma sobrancelha pálida e encarou Winston.

– Na verdade penso que a amabilidade tem tudo a ver.

Richard estava inclinado a concordar. Não conseguia imaginar por que outro motivo a irmã de Winston se submeteria àquela apresentação mais de uma vez. Ele admirou a perspicácia da Srta. Smythe-Smith.

– Ela me enviou em seu lugar – acrescentou Winston. – Disse que nossa família não poderia ficar sem representante este ano. – Ele olhou para Richard. – Ela foi inflexível.

– Por favor, transmita-lhe a minha gratidão – pediu a jovem. – Mas, se me derem licença, preciso...

– Posso lhe fazer uma pergunta? – interrompeu-a Richard.

Iris ficou imóvel, já meio virada na direção da porta. Ela o encarou com certa surpresa, assim como Winston.

– É claro que pode – murmurou ela, o olhar nem de longe tão sereno quanto o tom de voz.

A Srta. Smythe-Smith era uma jovem bem-educada, e ele, um baronete. Ela não poderia dar outra resposta, e ambos sabiam disso.

– Há quanto tempo a senhorita toca violoncelo? – questionou Richard de supetão.

Foi a primeira pergunta que lhe veio à mente e, só depois que ela saiu de seus lábios, ele se deu conta de que fora bastante rude. A jovem sabia que o quarteto era horrível e que ele devia compartilhar da opinião geral. Indagar sobre sua formação chegava a ser cruel. Mas ele estava sob pressão. Não podia deixá-la ir embora. Não sem ao menos uma rápida conversa.

– Eu... – balbuciou ela por um momento.

Richard sentiu um conflito interno. Não tivera a intenção de... Mas que inferno!

– Foi uma atuação encantadora – comentou Winston, olhando para Richard como se quisesse lhe dar um chute.

Richard falou rapidamente, ansioso para se redimir aos olhos dela:

– O que eu quis dizer foi que a senhorita parecia um pouco mais preparada do que suas primas.

Iris piscou várias vezes. Maldição, agora ele acabara de insultar as primas dela, mas supôs que era melhor isso do que insultá-la.

– Eu estava sentado no lado do salão mais perto da senhorita – continuou Richard – e, de vez em quando, podia ouvir o som do violoncelo acima dos outros instrumentos.

– Entendo – disse ela lentamente, e talvez com certa cautela.

Ela não sabia o que pensar sobre aquele interesse repentino, isso estava bem claro.

– A senhorita é muito talentosa – completou Richard.

Winston olhou para o amigo com incredulidade. Richard podia imaginar muito bem o porquê. Não teria sido fácil discernir as notas do violoncelo em meio àquele estardalhaço e, para um ouvido não treinado, Iris devia parecer tão ruim quanto o resto. Para Winston, o fato de Richard dizer o contrário soava como o pior tipo de falsa adulação.

Entretanto, a Srta. Smythe-Smith tinha plena consciência de que tocava melhor do que as primas. Ele percebeu isso em seus olhos, pela maneira como ela reagiu às suas palavras.

– Nós todas estudamos desde muito jovens – explicou Iris.

– É evidente – concordou ele.

É claro que ela não diria nada diferente disso. Não insultaria a própria família na frente de um estranho.

Um silêncio incômodo se abateu sobre o trio e a Srta. Smythe-Smith abriu mais um sorriso amável, com a evidente intenção de pedir licença para sair.

– A violinista é sua irmã? – quis saber Richard, antes que ela pudesse falar qualquer coisa.

Winston lançou um olhar curioso ao amigo.

– Uma delas, sim – respondeu ela. – A loura.

– Sua irmã mais nova?

– Quatro anos mais jovem, sim – respondeu ela, a voz cada vez mais áspera. – É sua primeira temporada, apesar de já ter atuado no quarteto no ano passado.

– Por falar nisso – interrompeu-a Winston, livrando Richard de pensar em outra pergunta inoportuna –, por que lady Sarah estava ao piano? Pensei que o quarteto fosse formado apenas por moças solteiras.

– Falta-nos uma pianista. Se Sarah não tivesse participado, o recital teria sido cancelado.

A pergunta óbvia pairava no ar: teria sido tão ruim?

– O cancelamento partiria o coração de minha mãe – esclareceu a Srta. Smythe-Smith, e era impossível dizer exatamente que emoção sua voz expressava. – E o de minhas tias.

– Muito amável da parte dela ceder seu talento – afirmou Richard.

E então a Srta. Smythe-Smith murmurou algo surpreendente:

– Ela nos devia.

– O que disse? – perguntou Richard.

– Nada – respondeu ela, exibindo um sorriso alegre... e falso.

– Não, devo insistir – falou ele, intrigado. – Não há como fazer tal declaração e deixá-la sem um esclarecimento.

Os olhos dela se desviaram para a esquerda. Talvez para se assegurar de que a família não pudesse ouvir. Ou talvez apenas estivesse se contendo para não revirar os olhos.

– Não é nada, de verdade. Ela não tocou ano passado. Retirou-se no dia da apresentação.

– O recital foi cancelado? – quis saber Winston, franzindo a testa enquanto tentava se lembrar.

– Não. A governanta das irmãs dela tocou conosco em seu lugar.

– Ah, é verdade – disse Winston, assentindo. – Agora me lembro. Quanta gentileza. De fato é impressionante que a governanta conhecesse a peça tocada.

– Sua prima estava doente? – indagou Richard.

A Srta. Smythe-Smith abriu a boca para responder, mas, no último instante, mudou de ideia a respeito do que ia dizer – Richard estava certo disso.

– Sim – falou ela. – Estava enferma. Agora, se me dão licença, há um assunto que preciso resolver.

Os três fizeram uma reverência e ela se foi.

– O que foi tudo isso? – perguntou Winston no mesmo instante.

– O quê? – indagou Richard, fingindo ignorância.

– Você praticamente se lançou contra a porta para evitar que ela fosse embora.

Richard deu de ombros.

– Eu a achei interessante.

– Ela? – Winston olhou para a porta pela qual a Srta. Smythe-Smith acabara de sair. – Por quê?

– Não sei – mentiu Richard.

Winston se voltou para o amigo, olhou de novo para a porta e, em seguida, outra vez para Richard.

– Devo dizer que ela não é o tipo que você costuma apreciar.

– Não – concordou Richard, apesar de nunca ter refletido sobre suas preferências. – Não, não é.

Mas a questão é que ele nunca fora obrigado a encontrar uma esposa. Agora seu prazo era de apenas duas semanas, nem um dia a mais.



No dia seguinte, Iris estava na sala com a mãe e Daisy, esperando a inevitável fila de visitantes. Por insistência da mãe, elas eram *obrigadas* a ficar em casa para receber as pessoas que desejavam felicitá-las por seu desempenho.

Iris imaginou que as irmãs casadas também apareceriam e, muito provavelmente, algumas poucas damas. As mesmas que assistiam ao recital todos os anos por pura bondade. O restante evitaria a casa das Smythe-Smiths – qualquer uma das casas – como se fugissem de uma praga. A última coisa que um ser humano queria fazer era ter uma conversa educada sobre um desastre sonoro.

Era como se os penhascos de Dover despenhassem sobre o mar e todo mundo se sentasse em volta para tomar chá e comentar: “Ah, sim, que

maravilhoso espetáculo. Uma lástima, porém, o que aconteceu à casa do vigário.”

Porém, era cedo e elas ainda não tinham sido agraciadas com nenhuma visita. Iris havia levado algo para ler, mas Daisy continuava radiante de alegria e triunfo.

– Acho que estávamos esplêndidas – anunciou ela.

Iris tirou os olhos do livro por tempo suficiente para dizer:

– Não estávamos esplêndidas.

– Talvez você não, escondida atrás do violoncelo, mas eu nunca me senti tão viva e em tanta sintonia com a música.

Iris mordeu o lábio. Havia muitas maneiras de responder. Era como se a irmã mais nova lhe *implorasse* para que fizesse uso de todas as palavras de seu arsenal de sarcasmos. Mas ela permaneceu em silêncio. O recital sempre a deixava irritada e, por mais enervante que Daisy fosse – e ela era, ah, como era –, não tinha culpa do mau humor de Iris. Bem, não inteiramente.

– Havia muitos cavalheiros bonitos na apresentação – comentou Daisy.

– A senhora reparou, mamãe?

Iris revirou os olhos. É claro que a mãe tinha reparado. Era sua função observar todos os cavalheiros adequados do salão. Não, mais que isso: era sua vocação.

– O Sr. St. Clair estava lá – continuou Daisy. – Tão elegante com aquele rabo de cavalo...

– Ele nunca vai olhá-la duas vezes – afirmou Iris.

– Não seja cruel, Iris – ralhou a mãe, e logo se voltou para Daisy. – Mas ela tem razão. E nós também não o desejamos. Ele é muito devasso para uma senhorita decente.

– Ele estava conversando com Hyacinth Bridgerton – observou Daisy.

Iris encarou a mãe, ansiosa – e, para falar a verdade, divertindo-se – para ver como ela reagiria. Ninguém era mais popular ou respeitável do que os Bridgertons, mesmo que Hyacinth, a caçula, fosse conhecida como uma garota terrível.

A Sra. Smythe-Smith fez o que sempre fazia quando não queria responder: ergueu as sobranceiras, baixou o queixo e bufou com desdém.

Fim da conversa. Pelo menos fim daquele assunto.

– Winston Bevelstoke não é libertino – disse Daisy, girando um pouco para a direita. – Ele estava sentado quase na frente.

Iris bufou.

– Ele é deslumbrante! – exclamou Daisy.

– Eu nunca disse que não era – retrucou Iris. – Mas deve ter quase 30 anos. E estava na quinta fileira.

A precisão pareceu desconcertar a mãe:

– Na quinta...?

– Certamente não era na frente – interveio Iris.

Que inferno, ela odiava quando as pessoas se enganavam nos pequenos detalhes.

– Ora, pelo amor de Deus – retrucou Daisy. – Não importa onde ele estava sentado. Tudo o que importa é que ele estava *lá*.

Isso era verdade, mas, ainda assim, não se tratava do cerne da questão.

– Winston Bevelstoke nunca se interessaria por uma garota de 17 anos – insistiu Iris.

– Por que não? – questionou Daisy. – Acho que você está com inveja.

Iris revirou os olhos.

– Isso está tão longe de ser verdade que nem sei por onde começar a explicar.

– Ele ficou me olhando – garantiu Daisy. – O fato de ainda estar solteiro demonstra a sua seletividade. Talvez esteja esperando que a moça perfeita apareça.

Iris inspirou profundamente, contendo a réplica que já coçava em seus lábios.

– Se você se casar com Winston Bevelstoke – afirmou, com muita calma –, serei a primeira a felicitá-la.

Os olhos de Daisy se estreitaram.

– Ela está sendo sarcástica de novo, mamãe.

– Não seja sarcástica, Iris – pediu Maria Smythe-Smith, sem afastar os olhos de seu bordado.

Iris fechou a cara.

– Quem era o cavalheiro que acompanhava o Sr. Bevelstoke ontem à noite? – perguntou a Sra. Smythe-Smith. – Aquele de cabelos escuros.

– Ele falou com Iris depois da apresentação – informou Daisy.

A mãe lançou um olhar perspicaz para a filha mais velha.

– Eu sei.

– Era sir Richard Kenworthy – respondeu Iris.

As sobrelhas de sua mãe se levantaram.

– Tenho certeza de que estava apenas sendo educado – acrescentou Iris.

– Estava sendo educado por um tempo bem longo – observou Daisy, rindo.

Iris a encarou, incrédula.

– Nós conversamos durante cinco minutos. Se tanto.

– É mais tempo do que os cavalheiros costumam lhe reservar.

– Daisy, não seja cruel – pediu a mãe. – Mas devo concordar. Acredito que foram mais de cinco minutos.

– Não foram – murmurou Iris.

Só que a mãe não a ouviu. Ou, mais provavelmente, optou por ignorá-la.

– Teremos que investigá-lo.

A boca de Iris se abriu em uma expressão indignada. Ela havia passado cinco minutos em companhia de sir Richard e sua mãe já começara a tramar o destino do pobre homem.

– Você não vai ser jovem para sempre – comentou a Sra. Smythe-Smith.

Daisy sorriu com malícia.

– Ótimo – afirmou Iris. – Vou tratar de captar o interesse dele por um quarto de hora da próxima vez. Isso deve ser suficiente para obter uma licença especial de matrimônio.

– Ah, você acha? – perguntou a irmã. – Seria muito romântico.

Iris só fez encará-la. *Agora* Daisy resolvera não entender o sarcasmo?

– Qualquer pessoa pode contrair matrimônio em uma igreja – acrescentou a mais jovem. – Mas uma licença especial é mesmo especial.

– Daí o nome – resmungou Iris.

– Custa muito caro e não a concedem a qualquer um.

– Suas irmãs se casaram adequadamente na igreja, e com vocês acontecerá assim também – sentenciou a mãe.

Isso pôs fim à conversa durante pelo menos cinco segundos, que era todo o tempo que Daisy conseguia ficar sentada em silêncio.

– O que você está lendo? – perguntou ela, esticando o pescoço para Iris.

– *Orgulho e preconceito*.

Ela nem ergueu a vista, mas resolveu marcar a página com o dedo só para garantir.

– Mas você já não leu esse livro?

– É um bom livro.

– Como um livro pode ser tão bom para dar vontade de lê-lo duas vezes?

Iris deu de ombros, um gesto que uma pessoa menos obtusa teria interpretado como um sinal de que ela não desejava continuar a conversa.

Mas não Daisy.

– Eu também já o li.

– É mesmo?

– Sinceramente, não achei tão bom.

Iris enfim levantou os olhos.

– Perdão?

– É muito pouco realista – opinou Daisy. – Devo acreditar que a Srta. Elizabeth rechaçaria a proposta matrimonial do Sr. Darcy?

– Quem é a Srta. Elizabeth? – quis saber a mãe, a atenção finalmente arrancada de seu bordado. Ela olhou de uma filha para a outra. – E quem é esse tal de Sr. Darcy?

– Era evidente que ela nunca teria uma oferta melhor que a do Sr. Darcy – insistiu Daisy.

– Foi isso que o Sr. Collins disse quando propôs casamento a ela – replicou Iris. – E então o Sr. Darcy propôs também.

– *Quem é o Sr. Collins?*

– São personagens fictícios, mamãe – explicou Iris.

– Muito tolos e idiotas, se quer saber minha opinião – retrucou Daisy, com altivez. – O Sr. Darcy é muito rico. E a Srta. Elizabeth não tem dote. Que coragem a dele de propor a ela...

– Ele a amava!

– É obvio que sim – concordou Daisy, zangada. – Por que motivo ele iria pedi-la em casamento? E ela o rejeitou!

– Elizabeth tinha suas razões.

Daisy revirou os olhos.

– Ela teve sorte de ele ter insistido. Isso é tudo o que tenho a dizer sobre o assunto.

– Acredito que eu deveria ler esse livro – disse a Sra. Smythe-Smith.

– Pode pegar – falou Iris, sentindo-se repentinamente desanimada. Ela estendeu o volume para a mãe. – Leia este.

– Mas você está na metade.

– Já o li antes.

A Sra. Smythe-Smith pegou o livro, folheou até a primeira página e leu a primeira frase, que Iris sabia de cor:

É uma verdade universalmente aceita que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, necessita de uma esposa.

– Bom, isso é verdade mesmo – comentou a mãe para si mesma.

Iris suspirou, perguntando-se como iria se manter ocupada agora. Imaginou que poderia buscar outro livro, mas estava muito bem acomodada no sofá para pensar em se levantar. Ela suspirou.

– O quê? – quis saber Daisy.

– Nada.

– Você suspirou.

Iris lutou contra o impulso de gemer.

– Nem todos os suspiros têm a ver com você.

Daisy fungou e se virou.

Iris fechou os olhos. Talvez pudesse tirar uma soneca. Não havia dormido bem, algo normal na noite que se seguia ao recital. Sempre dizia a si mesma que conseguiria descansar, pois teria um ano inteiro pela frente antes de se aterrorizar com outra apresentação.

Porém, o sono não era seu amigo, não quando o cérebro repetia cada momento passado, cada nota mal tocada. Os olhares de zombaria, piedade, choque e surpresa... Ela quase podia perdoar a prima Sarah por fingir uma enfermidade no ano anterior só para não se apresentar. Dava para entender. Por Deus, ninguém compreenderia a situação melhor do que ela.

E, então, sir Richard Kenworthy havia pedido para falar com ela. O que fora aquilo? Iris não era tola para pensar que ele estava interessado. Ela não era nenhum diamante de alto quilate. É verdade que esperava se casar algum dia, mas, quando isso ocorresse, não seria porque um cavaleiro a vira e se apaixonara.

Ela não tinha encantos. Segundo Daisy, nem tinha cílios.

Não, quando Iris se casasse, seria por uma proposta sensata. Um cavaleiro comum iria considerá-la uma moça agradável e decidiria ser vantajoso ter a neta de um conde na família, mesmo com um dote modesto.

E ela tinha cílios, sim, pensou, zangada. Só que eram muito claros.

Precisava saber mais sobre sir Richard. Porém, mais importante ainda, precisava encontrar uma maneira de fazer isso sem chamar atenção. Não seria bom que a vissem correndo atrás dele. Especialmente quando...

– Chegaram algumas visitas, madame – anunciou o mordomo.

Iris se sentou. *Hora de adotar uma boa postura*, pensou ela, com falsa alegria. Ombros retos, costas eretas...

– O Sr. Winston Bevelstoke.

Daisy se endireitou e se pavoneou, mas não antes de lançar à irmã um olhar que declarava “eu não disse?”.

– E sir Richard Kenworthy.

CAPÍTULO 3

— **S**abe – disse Winston, enquanto se detinham no pé da escada da casa dos Smythe-Smiths –, não é bom alimentar as esperanças da jovem.

– E eu pensando que visitar uma jovem era um costume bem-visto... – falou Richard.

– E é, mas essas são as Smythe-Smiths.

Richard tinha começado a subir as escadas, mas parou.

– Há algo excepcional a respeito dessa família? – perguntou ele, num tom suave. – Além de seus talentos musicais únicos?

Ele precisava se casar logo, mas também precisava que as intrigas e – que Deus não permitisse – os escândalos repercutissem o mínimo possível. Se os Smythe-Smiths tinham segredos obscuros, Richard deveria saber.

– Não – respondeu Winston, balançando a cabeça, distraído. – Não. É só... Bem, suponho que se poderia dizer...

Richard aguardou. Winston acabaria revelando.

– Esse ramo particular da família Smythe-Smith é um tanto...

Winston suspirou, incapaz de terminar a frase. Era mesmo um sujeito agradável, pensou Richard com um sorriso. Ele podia até tapar os ouvidos com algodão e tomar vinho durante um recital, mas não se atrevia a falar mal de uma dama, mesmo que o único insulto fosse chamá-la de impopular.